

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *A Crítica*

Class.: 236

Data: 17.01.92

Pg.: _____

Belfort recomenda análise dos petardos

João Pinduca Rodrigues

O secretário do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia, José Belfort Bastos, aconselhou ontem a Fundação Nacional do Índio (Funai) a agir "imediatamente" na questão dos 30 petardos deixados irresponsavelmente pela empresa estatal francesa, Elf Aquitaine, no território indígena Saterê-Mawé e Mundurucu, entre Maués e Barreirinha, no sentido de localizar e recolher o material "para fazer novas análises pois, pelo tempo decorrido, há mais de 10 anos, é bem provável que tenha ocorrido alguma reação química que pode trazer riscos de vida e à saúde dos índios".

Segundo Belfort, o governo do Amazonas pouco tem a ver com a questão, já que houve um inquérito que sequer chegou a responsabilizar a própria empresa, embora tenham havido indenizações.

"Como se tratou de uma concessão federal, os chamados 'contratos de risco', hoje inexistentes, acho que a questão é da alçada e da esfera federal e da Funai que trabalha diretamente com os índios e tem que tomar logo uma providência", observa o secretário.

Ele não acredita na existência de bombas, "mas sim dinamite", material empregado por técnicos para detectar ocorrências petrolíferas e que os cartuchos deixados pela Elf Aquitaine já teriam perdido seu prazo de validade.

"Acho que não tem mais valor", acredita Belfort, ao explicar que a dinamite somente explode se for acionado um mecanismo (espoleta), diferente de bombas "que podem explodir se vierem a ser atingidas por uma simples martelada".

Quanto ao material tóxico exist-



Secretário Belfort: conselho

tente nas cargas explosivas, o secretário da Semact disse desconhecer que elementos seriam esses, uma vez que não é especialista no assunto e tampouco o viu.

"Mas, se teve a capacidade de intoxicação, segundo a denúncia feita por A Crítica, é bem provável que o material empregado não seja apenas o Trinitrotolueno (TNT), uma vez que os materiais estão sempre evoluindo tecnologicamente".

Para o secretário, geólogo que trabalhou durante anos na Petrobrás, as cargas empregadas normalmente em pesquisas sísmográficas são pequenas e a explosão não provoca qualquer dano à natureza. "O barulho é tão imperceptível que somente os geofones, aparelhos ultrasensíveis, conseguem captá-lo", explica Belfort. Os geofísicos introduzem a dinamite alguns metros abaixo do solo e, com a explosão, o barulho refletido nas rochas indica ou não a existência de petróleo naquela área em exploração.

Ao garantir que não existem riscos ao homem e ao meio ambiente, o secretário disse que nunca viu nenhuma pessoa sair ferida por causa de um trabalho dessa natureza. "Mas, também, nenhum deles chegou a ingerir o conteúdo de uma cartucho de dinamite", ironiza.

Cimi adverte quanto às conseqüências

Nem o superintendente-executivo regional da Funai, Odenir Pinto Guimarães, o nem seu substituto, Jorge Luiz de Paula, foram encontrados ontem por A Crítica para comentar as mortes e intoxicações atribuídas ao material explosivo abandonado pela Elf Aquitaine em território Saterê-Mawé e Munduruku, no interior do Estado.

"O dr. Odenir está de férias e o dr. Jorge enfrenta, desde quarta-feira, problema de rins, por isso não apareceu até agora", disse a secretária, ao tentar ajudar e indagar sobre o assunto, apontando para a sala de imprensa do órgão.

No entanto, o coordenador do Conselho Indigenista Missionário (Cimi/Norte I), Miguel Feeney, que somente tomou conhecimento da denúncia às 10h30, disse que iria manter contato com "padre Salvador, que trabalha na área", onde é professor de uma escola agrícola, "dentro da área dos Saterê-Mawé".

Segundo Feeney, as pesquisas sísmográficas feitas pela Elf Aquitaine demonstram apenas as terríveis conseqüências que podem sofrer os povos indígenas.

"Não sou químico para saber quais os males que o material existente nas bombas provoca; mas isso comprova o descaso que existe com os povos indígenas, onde qualquer empresa que entra nessas áreas pode fazer esse tipo de coisa, sem pensar no futuro e em termos de vida e saúde dos indígenas", lamenta o coordenador do Cimi/Norte I, acreditando que da indenização paga pela empresa estatal francesa, em 1984, no valor de 300 mil dólares, (hoje, cerca de 210 milhões de cruzeiros), "numa questão muito mal trabalhada pelos Saterê não deve restar mais nada".

O problema, apesar de ter ocorrido há mais de dez anos, volta a despertar a atenção da imprensa nacional e deverá ser tema do programa global "Fantástico" ou, ainda de um "Globo Repórter", segundo o jornalista da Rede Globo, Jair Alberto, que esteve ontem pela manhã em A Crítica buscando novas informações. "Pretendemos seguir para a área o mais depressa possível", comentou o cinegrafista, que tem sua base montada na Rede Amazônica de Rádio e Televisão.

Azodrin é lembrado



Homens-rãs foram utilizados



Pesquisas na área do Azodrin

O caso das bombas ou dinamite que foram deixadas de forma irresponsável pela empresa estatal francesa Elf Aquitaine, no interior do Estado, provocando quatro mortes e deixando outros índios inválidos, se não for devidamente apurado, em tempo hábil, acabará por se tornar numa repetição do caso do avião norte-americano que está submerso no Rio Negro, há mais de 20 anos, próximo à cidade de Moura, carregado com 5.480 litros de Azodrin, material tóxico empregado por agricultores paulistas, à época, para controlar pragas em suas lavouras.

Neste último caso, o do Azodrin, além das inúmeras reportagens feitas por A Crítica e do grande espaço ocupado na mídia nacional e internacional, um importante assessor do governo Gilberto Mestrinho revelou, ontem, a possibilidade de ser montada uma nova expedição para resgatar a aeronave. "Estamos ainda estudando, embora tenhamos certeza do sucesso da empreitada", garantiu o assessor que, por enquanto, pediu para ficar anônimo e revelar apenas o "embrião do trabalho, muito cansativo e difícil".

Com a chegada da Conferência Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a denominada "Eco/92", ameaçada de insucesso

diante da não confirmação da presença de líderes do Primeiro Mundo, como o presidente norte-americano George Bush e do ex-presidente soviético, Mikhail Gorbachev, o deputado Nonato Oliveira, do Partido Liberal, promete reacender a questão, em fevereiro próximo, quando da abertura dos trabalhos na Assembléia Legislativa.

Segundo o político, a empresa Shell, fabricante do Azodrin, será reconvocada para discutir novamente o tema que tem causado apreensões nos ecologistas "e porque não dizer na própria população".

Oliveira entende que, com a proximidade da Eco/92, melhores resultados podem advir da reabertura da polêmica questão, observando que irá convocar a comunidade científica local e nacional para debaterem amplamente a questão.

Como sugestão, o deputado aproveitou desde já o gancho e começa a detonar seus petardos em direção à essa antiga e perigosa polêmica: o que será feito do material deixado pela estatal francesa, Elf Aquitaine, em território Saterê-Mawé e Munduruku onde, segundo denúncia feita pelo jornal brasileiro "Folha do Meio Ambiente", reativada por A Crítica, já morreram quatro índios e outros estão inválidos?